

## A INFLUÊNCIA DO PENSAMENTO ORIENTAL NA GEOGRAFIA DE AUGUSTIN BERQUE: A FILOSOFIA DE WATSUJI TETSURŌ<sup>1</sup>

*The oriental influence in the thought of Augustin Berque: the philosophy of Watsuji Tetsurō*

Priscila Marchiori Dal Gallo<sup>2</sup>

### RESUMO

Buscamos no presente texto explorar as influências do filósofo japonês Watsuji Tetsurō no pensamento do geógrafo francês Augustin Berque. Esse esforço envolve uma sistematização do pensamento do filósofo sobre: (a) a existência humana e (b) a relação homem-mundo a partir dos conceitos *aidagara* (relacionalidade), *ningen* (homem), *sonzai* (existência). E apontamentos sobre o pensamento de Augustin Berque a fim de identificar como ele incorpora em suas reflexões esses conceitos buscando superar as dicotomias instauradas pelo pensamento moderno ocidental a fim de reposicionar o pensamento geográfico em termos de uma visão holística e interdependente do homem e ambiente

**Palavras-Chave:** Pensamento geográfico. Filosofia oriental. Ontologia. Epistemologia.

### ABSTRACT

In this paper we aim to explore the influences of Japanese philosopher Watsuji Tetsurō in the French geographer Augustin Berque's thought. This effort includes a systematization of the philosopher's thinking on: *aidagara* (relatedness), *ningen* (man), *sonzai* (existence). Also appointments about the thought of Augustin Berque to identify how he incorporates these concepts in his reflections, seeking to overcome the dichotomies introduced by modern western thought in order to reposition the geographic thinking in terms of a holistic and interdependent view of man and environment

**Keywords:** Geographic thought. Oriental philosophy. Ontology. Epistemology.

<sup>1</sup> Este texto apresenta resultados parciais do projeto "A geografia humanista no Japão", desenvolvido no Grupo de Pesquisa Geografia Humanista Cultural (GHUM), de 2010 a 2013.

<sup>2</sup> Mestranda em Geografia na Unicamp. priscilamgallo@yahoo.com.br.

✉ Rua Luis Moretzshon de Camargo, 323, Jardim Santana, Campinas, SP. 13088-699.

## INTRODUÇÃO

A geografia brasileira em diferentes períodos e épocas recebeu ampla influência da geografia francesa. Diversos autores e abordagens da escola francesa percolaram o pensamento geográfico no Brasil. Primeiramente com a forte presença de clássicos como Elisée Réclus, Vidal de La Blache ou Jean Brunhes e, posteriormente, com a vinda de vários professores para ajudar a fundar cursos de geografia pelo Brasil (como em São Paulo, no Rio de Janeiro, em Belo Horizonte e outras cidades), além de sua presença e importância no Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). O Brasil acompanhou até os anos de 1960 as novas tendências e debates que emergiam na França com Pierre George, Yves Lacoste (PAZERA JR., 1988). Nas últimas décadas a escola francesa influenciou a geografia brasileira pelo despontar da Geografia Cultural, que teve como principal personagem Paul Claval.

Contudo apesar de a geografia francesa fazer parte por tanto tempo de nossa literatura geográfica, havendo produções diversas dos franceses aqui no Brasil, poucos são os autores e/ou abordagens que foram estudados sistematicamente.

Se por um lado, existem tentativas de traçar um panorama na história do pensamento geográfico brasileiro da inspiração causada pela escola francesa, como por exemplo, o trabalho de José Borzacchiello da Silva intitulado “França e a Escola Brasileira de Geografia” (SILVA, 2012) que percorre a história do pensamento geográfico trazendo as influências francesas e, originalmente, trata do movimento inverso da influência na França da Geografia Brasileira.

Por outro lado, são poucos os esforços mais contidos de explorar epistemologicamente o pensamento dos autores presentes em nosso quadro de referência francês, explorando a integridade de sua obra, os caminhos e matrizes percorridos no desenvolvimento de seu projeto

intelectual. Assim, sabemos as influências, usos e desdobramentos no Brasil da geografia francesa, mas não investigamos mais a fundo suas raízes, em vista de um mapeamento tímido das matrizes do pensamento dos geógrafos que contribuíram em seu processo de formação.

Propomos contribuir com esse mapeamento apresentando elementos pouco difundidos do pensamento do geógrafo francês Augustin Berque, cujas influências se estendem pela Europa e Oriente, mais especificamente o Japão. Ao apresentarmos esses elementos, buscamos apontar a presença do pensamento do filósofo japonês Watsuji Tetsurō como uma importante influência em sua geografia. De modo que não pretendemos aqui esgotar a obra de Augustin Berque, mas iniciar uma aproximação com o seu pensamento a partir de seus principais conceitos expondo uma de suas matrizes filosóficas.

Berque tem uma extensa discussão epistemológica na geografia, sobretudo, na abordagem cultural. O geógrafo francês se faz notório nessa abordagem como uma das referências de uma nova forma de fazer e pensar geográfico. Contudo, no Brasil, seu pensamento tem repercussão apenas no final da década de 1990 (quando a orientação cultural passa a ganhar espaço no país) e acaba sendo referenciado preponderantemente como um interlocutor por aqueles que buscavam falar de paisagem, mais especificamente, falar de paisagem para tratar de questões ambientais (CORRÊA; ROZENDAHL, 1998). Tal cenário tem como um de seus fatores a falta de traduções mais sistemáticas de suas obras para a língua portuguesa.

É certo que o NEPEC (Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Espaço e Cultura), teve o esforço de traduzir o texto “Paisagem-marca, Paisagem-matriz: elementos da problemática para uma Geografia Cultural” que foi publicado no livro “Paisagem, Tempo e Cultura” (BERQUE, 1998). Contudo, poucas foram as traduções que seguiram esse esforço, o que

restringiu a difusão do pensamento de Berque de maneira mais ampla. Recentemente em 2012 foi traduzido o texto “Geograma, por uma ontologia dos fatos geográficos” publicado na revista Geograficidade (BERQUE, 2012). Esse texto manifesta o vasto escopo de referenciais e matrizes de Berque, entre Leroi-Gourhan, Merleau-Ponty, Heidegger, Watsuji e extensão da discussão epistemológica do geógrafo que busca alcançar ontologia dos fatos geográficos.

Embora haja tal restrição de traduções, alguns trabalhos no Brasil tiveram a preocupação de explorar o aporte teórico de Berque mais amplamente.

Dentre esses trabalhos está a dissertação “Paisagem: entre o sensível e o factual uma abordagem a partir da Geografia Cultural” de Yanci Ladeira Maria, que emprega o esforço de desbravar esse plano filosófico em que se originam muitos dos princípios a partir dos quais Berque estrutura a sua ideia sobre paisagem. O trabalho busca reaver, dentro de sua proposição de reconstituir o debate teórico contemporâneo da paisagem, os pontos de intersecção entre Berque e Watsuji. Seu diferencial é o cuidado em abrir o pensamento de Berque de uma forma mais panorâmica, nos fazendo entender que a paisagem está imersa na evolução de um pensamento que vai se enraizando em origens mais profundas, alcançando um plano ontológico (MARIA, 2010).

E o texto de Werther Holzer intitulado “Augustin Berque: um trajeto pela paisagem” em que se realiza uma discussão sobre a concepção inovadora de paisagem de Berque, trazendo o conceito inserido em uma discussão maior sobre o entendimento da natureza, e mais especificamente, sobre a relação homem-meio inspirado no diálogo estabelecido com o oriente (HOLZER, 2004).

Nossa proposta busca seguir esses esforços ao perscrutar por meio da leitura e síntese dos artigos, de língua inglesa, produzidos por

Berque alguns de seus referenciais filosóficos. Para então partir para uma apresentação mais detida do panorama das ideias e concepções de Watsuji Tetsurō, filósofo de grande influência nas proposições de Berque. Entendemos que esse passo permite buscar um adensamento da apresentação dos elementos do pensamento do geógrafo francês.

O esforço de sistematização, mesmo que parcial, do quadro conceitual de Augustin Berque contribui em alguma medida para uma difusão desse geógrafo como um referencial importante, não só para aqueles que dialogam diretamente com a abordagem cultural, mas também para aqueles que são afeitos a Geografia Humanista. Expor esse quadro num primeiro passo oferece mais um interlocutor para as questões prementes ao esteio humanista, na medida em que Berque tem forte preocupação com a dissolução dos pareamentos homem-ambiente e sujeito-objeto, no nível epistemológico e no nível ontológico. Expor seu pensamento aponta novas possibilidades e perspectivas à abordagem humanista, principalmente, pela singularidade de receber também influências de uma matriz filosófica cuja origem é oriental. Essa que se coloca em diálogo com referenciais fenomenológicos a fim de elucidar o momento estrutural da existência humana orientando as discussões para questões seminais sobre o estar no mundo do homem.

Na primeira seção do presente texto exploramos o pensamento do filósofo japonês Watsuji Tetsurō buscando prover uma contextualização mais ampla de sua obra de modo a desbravar esse esteio filosófico que se trata de um projeto intelectual sobre o entendimento da existência humana. Nele Berque encontra respaldo para reavaliar o posicionamento ocidental diante da natureza. Destacamos algumas reflexões que embasam o conjunto da obra do filósofo sobre *aidagara* (relacionalidade), *ningen* (homem) e *sonzai* (existência) que são os

subsídios da concepção de *fūdo*, que repercutem na discussão teórico-metodológica de Berque.

Na segunda seção apresentamos o pensamento de Augustin Berque traçando alguns dos fundamentos que ele mobiliza para realizar seu caminho epistemológico. Exploramos, para isso, os conceitos de *milieu*, *médiance* e *mésologie*.

Esse encaminhamento permite avançar delineando as potencialidades, vistas por Berque nessa matriz de pensamento para pensar e fazer geografia.

### AS REFLEXÕES SOBRE A EXISTÊNCIA HUMANA EM WATSUJI TETSURŌ

Watsuji Tetsurō foi um dos filósofos que propôs em suas obras estabelecer nexos, sobretudo, filosóficos, entre o ocidente e o oriente. Nesse esforço, por um lado, dedicou-se ao estudo das obras dos filósofos: Kierkegaard, Nietzsche e Heidegger, sendo o primeiro a introduzir o existencialismo no Japão a partir de suas obras sobre Nietzsche ("*Nietzsche kenkyu*" de 1913) e Kierkegaard ("*Soren Kierkegaard*" de 1915) e seu diálogo com Heidegger. Entre 1927-1928 o filósofo japonês fez uma visita a Europa, e quando em Berlim, conheceu o filósofo alemão assistindo suas palestras/conferências e dialogando pessoalmente com ele. Por outro lado, como professor na Universidade de Kyoto (Kyoto Imperial University como era chamada na época), ateve-se à filosofia budista e aos trabalhos desenvolvidos pela Escola de Kyoto realizando traduções de obras do zen budismo (escritos do monge Dōgen<sup>3</sup>) e se debruçando em investigações sobre escritos milenares budistas (BELLAH, 1965).

<sup>3</sup> Um dos principais mestres do zen budismo que deixou como principal obra *shobogenzo*, ensinamentos sobre a vida, o monastério, o tempo e o ser.

Watsuji também se manteve próximo das discussões dos movimentos literários que se desenvolviam no Japão, tendo sido fortemente influenciado pelo literato Natsume Sōseki que em seus últimos trabalhos combateu fortemente o individualismo (integridade ética individual e a individualidade criativa) favorecendo a ideia do *sokuten kyoshi*, isto é, seguir o céu e eliminar o Eu (DILWORTH, 1974).

Será Sōseki quem instigará a concepção de relacionalidade (*aidagara*) desenvolvida por Watsuji quando defende em sua escrita que existe uma vinculação entre os indivíduos que os tornam verdadeiramente humanos. Em seu livro "*Kokoro*", o escritor coloca sua personagem principal em um estado crucial: um indivíduo que pó experiências traumáticas de seu passado vive em reclusão, sendo pouco sociável sustentando uma condição de isolamento. Sōseki o sentencia ao suicídio, pois para ele a individualidade leva à loucura, ao suicídio ou a acreditar em deus (DILWORTH, 1974). Nesse sentido, a postura de Sōseki foi fundamental também para a concepção de homem (*ningen*) proposta por Watsuji, estando no core de seu posicionamento filosófico a aspiração de eliminar o egocentrismo, pois esse seria o caminho para ser verdadeiramente humano.

A busca de Watsuji pelo rompimento da condição de individualidade humana e a proposição de uma alternativa a essa condição que permita o humano resgatar sua humanidade plena se desdobra em conceitos que foram pivôs para suas reflexões. São eles: *aidagara* (relacionalidade), *sonzai* (existência) e *ningen* (homem).

Sob essa perspectiva os conceitos se voltam para uma das preocupações centrais do filósofo: mostrar que o humano é um ser relacional. A partir desses conceitos, ele procura dar bases para uma ontologia social da existência se contrapondo ao individualismo e atomismo (SHIELDS, 2009). Desde seus primeiros estudos sobre os filósofos ocidentais, Watsuji mostrou uma forte aspiração em construir

um Eu ideal que estivesse livre do egoísmo e não fosse autocentrado, isto é, um ideal que correspondia à configuração da cultura e sociedade japonesa: uma vida harmoniosa é alcançada coletivamente através da família, comunidade e nação (BELLAH, 1965). Tal aspiração se realiza no entendimento da existência dos seres humanos (*ningen sonzai*) sempre em termos da relacionalidade (*aidagara*). Nesse sentido Watsuji explora verticalmente as noções de *aidagara*, *sonzai* e *ningen* para discutir a condição humana de estar sempre em relação, ou seja, a natureza relacional da humanidade do homem.

Nagami (1981) coloca que o termo *ningen* é uma palavra originária do Budismo que se encontra entre o termo *chikushō-kai*, isto é, o lugar das criaturas sub-humanas e *tenjō-kai*, isto é, o céu. Nesse sentido *ningen* corresponderia à ideia de *yono-naka*, que significa estar no mundo. A análise etimológica feita pelo filósofo traz uma concepção do homem como uma existência relacional. O ideograma sino-japonês *nin* ou *hito* traz a ideia de comunhão entre os homens e o ideograma sino-japonês *gen* ou *aida* significa “entre”. O filósofo interpreta que essa conjunção de ideogramas expressa que o homem é em meio aos homens e no mundo, que significa estar entre: céu (sob o céu), Terra (sobre a Terra) que caracteriza o mundo.

Essa concepção vem na contramão da individualidade e antropocentrismo que centralizam o homem nele mesmo. A concepção do filósofo japonês de *ningen* é uma proposição de pensar o humano para além de si mesmo. Para ele as discussões sobre a unidade do homem como uma correlação entre mente e corpo são insuficientes, essa discussão apenas mantém um ideal de que o humano é autossuficiente, de modo que a preocupação, quando se fala do humano, se circunscreve ao espírito, ao corpo ou ao *self*. A filosofia quando usa os termos *homo*, *man* ou *Mensch* omite o caráter social intrínseco aos humanos e apenas traz à luz a sua individualidade. O

termo *ningen* para Watsuji permite buscar a compreensão do homem (humano) como uma existência que tem um caráter duplo em que a individualidade e o social são equiprimordiais “a mais autêntica essência humana, de maneira alguma poderia ser implantada a partir de um ponto de vista que pressupõe a distinção fundamental entre indivíduo e sociedade<sup>4</sup>” (WATSUJI, 1996, p. 14).

O filósofo aprofunda sua colocação sobre o caráter humano ao pensar nele em termos de uma dialética complexa e, de certa forma, paradoxal. Há um conflito entre o indivíduo e a sociedade, no sentido de que para o indivíduo se manter como tal ele precisa, em certa medida, negar a sociedade, por outro lado, a totalidade do indivíduo depende da negação de sua individualidade (DILWORTH, 1974, p. 21). De modo que um indivíduo deve manter uma separação absoluta da sociedade para que resguarde sua identidade (ser ele mesmo consigo mesmo), contudo ele busca continuamente a sociedade para se sentir completo. A sociedade nessa perspectiva não pode ser reduzida a um agregado de indivíduos, pois cumpre um papel mais fundamental enquanto uma existência comunal. O termo *ningen* denota a comunhão dessas contrariedades (WATSUJI, 1996).

Conforme aponta Liederbach (2012), *ningen* traz a concepção de uma existência que se realiza na “potencialidade-para-ser-um-todo<sup>5</sup>” (LIEDERBACH, 2012, p. 131), o indivíduo é originalmente parte de uma unidade e ele busca retornar a essa unidade em sua interconexão, sobretudo, social. O entendimento do humano nesses termos é afeita a uma concepção de uma estrutura da existência humana em que a espacialidade é uma dimensão proeminente. Tal prerrogativa

<sup>4</sup> “humankind’s most authentic essence, can by no means be implemented from a standpoint that presupposes a primary distinction between individual and society”.

<sup>5</sup> “potentiality-for-being-a-whole”.

encaminha Watsuji a compor e complementar a noção de *ningen* explorando o termo *sonzai*, isto é, existência.

*Sonzai* advém da união de dois ideogramas sino-japoneses: *son* e *zai*. O primeiro significa a manutenção do *self*, no sentido de subsistir frente à perda. Contudo, mesmo que a ideia de subsistência se oponha a de perda, subsistir pode em qualquer momento e em qualquer ocasião se tornar em perda. É nessa possibilidade de inversão que reside a noção de temporalidade e que atribui a concepção de existência a sua dimensão temporal. O segundo ideograma, o *zai*, indica a noção de lugar, de estar em algum lugar. Esse lugar é, para Watsuji, sempre um lugar que emerge de relações humanas e o tramitar dos humanos por esses lugares indica que eles estão sempre imersos nessas relações. De outro modo, as relações humanas pressupõem uma espacialidade para se realizar, o que faz referência a uma dimensão espacial em *sonzai* (DILWORTH, 1974; WATSUJI, 1996). Conjugando a decomposição dos termos o filósofo desdobra o termo *sonzai* e afirma “*son* é o auto-sustento de si e *zai* significa a permanência nas relações humanas, o *son-zai* é precisamente o auto-sustento do indivíduo como *betweenness*<sup>67</sup>”(WATSUJI, 1996, p. 21).

Watsuji relaciona a sua concepção de *sonzai* a de *ningen* e cunha o termo *ningen sonzai*, isto é, existência humana. Como resultado o filósofo concebe a estrutura da existência humana como espaço-temporal, entendendo que a existência se realiza em um dado lugar e um dado tempo e que, desse modo, não pode ser universal, no sentido de uma abstração, mas sim em termos de uma particularidade

ou circunstância. Em outras palavras a existência humana tem uma estrutura “climática” (no sentido de meio ou ambiente) e histórica.

Nessa proposição para a compreensão da existência humana o termo *aidagara* se torna fundamental. O termo é interpretado pelo filósofo japonês como: interpresença, uma relação mútua ou um “estar-entre”. Sob essa perspectiva a existência humana plena depende da “relacionalidade” (relationality), ou “entre-dade entre homens”, no original *hito to hito to no aidagara (between-ness between men)*. É por meio dela que a consciência dos outros e de nós mesmos emerge, isto é, ela proporciona uma intersubjetividade quando transcende o plano de abstração individual e nos lança para o plano da *ex-sistere* (plano fenomênico em que o ser se projeta, está presente e enquanto fenômeno mostra-se) (DILWORTH, 1974).

A compreensão da noção de *aidagara* permite explorar a estrutura da existência humana, em termos de sua espacialidade, pensando-a como uma expressão prática da interconectividade dos atos e interações humanas, que seria a expressão (ôntica e ontológica) do caráter dual (indivíduo e sociedade) do humano. Em outras palavras a concepção plena de *ningen* só se torna possível se pensarmos na *aidagara* e o fizermos como uma espacialidade humana. Segundo Liederbach (2012), *aidagara* pode ser concebida tanto em termos ônticos, isto é, relações objetivas, quanto em termos ontológicos, por fazer referência à estrutura do *ningen sonzai*.

Segundo Mochizuki (2006) para Watsuji

A unidade mínima de *ningen* não é um indivíduo. É um “*betweenness*” ou a “relação mútua” que implica em si mesmo, alguma comunidade espacial. Porque ele implica espacialidade? Porque o *betweenness* do *ningen* pressupõe algum espaço. Além disso, o *betweenness* não é o espaço entre dois seres humanos independentes e individuais que transcendem um ao outro, mas o espaço de relações mútuas que é subjetivamente (ou

6 *Betweenness* é um termo de difícil tradução. *Between* significa entre, intermediário, *ness* é um sufixo que indica estado ou condição; assim, *betweenness* seria um estado de estar entre, ou, entridade.

7 “*son is the self-sustenance of the self and zai mean to remain within human relations, the son-zai is precisely the self-sustenance of the self as betweenness*”.

intersubjetivamente) único e exerce a relação entre o indivíduo e o outro<sup>8</sup>. (MOCHIZUKI, 2006, p. 48)

Dessa forma a existência humana (*ningen sonzai*) está subsidiada na concepção de *aidagara*, conceitos que, segundo Dilworth (1974), são basais para outro termo central nas reflexões do filósofo japonês: o *fūdo*.

O *fūdo* corresponde a ideia de “meio”. O termo se refere a uma estrutura espacial e histórica em que o homem é capaz de se perceber e se expressar pela cultura. Watsuji desenvolveu esse termo em sua obra, de mesmo nome “*Fūdo*” publicada em 1935. Nas primeiras linhas o filósofo faz uma distinção clara daquilo a que ele entende como *fūdo*, ele traça uma diferenciação entre esse termo e a noção de natureza. Para ele a sua discussão não se trata de como a natureza age sobre o humano simplesmente, o que seria um determinismo grosseiro, mas sim uma construção de cunho ontológico sobre o momento de estruturação da existência humana, como vemos a seguir:

O propósito deste livro é esclarecer o *fūdosei* como o momento estrutural da existência humana (*ningen sonzai no kōzō keiki*). Então a questão aqui não é sobre como o ambiente natural (*shizen kankyō*) determina a vida humana. O que é geralmente entendido como ambiente natural é algo que foi desatado, como um objeto, do *fūdosei* do humano considerado como sua base concreta. Quando alguém considera a relação entre tal objeto e a vida humana, a própria vida humana já está objetivificada

8 “the minimum unit of *ningen* is not an individual. It is a “betweenness” or a “mutual relationship” which implies in itself some spatial community. Why does it imply spatiality? Because the “betweenness” of *ningen* supposes some space. Moreover, the “betweenness” isn’t the space between two independent and individual human beings who are transcendent to each other, but the space of mutual relationship which is subjectively (or intersubjectively) unique exercises the relation between self and other”.

Assim, esta posição consiste em examinar a relação entre um objeto e um objeto, ela não diz respeito à existência humana em subjetividade<sup>9</sup> (WATSUJI *apud* BERQUE, 2004, p. 389)

Em linhas gerais a obra faz um estudo amplo sobre alguns tipos climáticos, quais sejam, Monções, Desértico e “*Meadow*”. Ele faz uma revisão das características de cada um desses climas, sempre associando a eles as respectivas culturas e populações que habitam os lugares que os apresenta, de forma mais detida ele explora as possibilidades da subjetividade humana diante dessas condições “climáticas”. Após esse contexto geral, ele busca fazer uma discussão mais aprofundada sobre o Japão, sobretudo, sobre a vida intelectual e emocional dos japoneses. Mayeda (2006) coloca que toda a composição da obra se faz sem uma preocupação em sistematizar as informações, pelo contrário trata-se do relato das experiências de Watsuji que expõe seu ponto de vista sobre essas subjetividades humanas. Ou seja, do ponto de vista de um intelectual japonês viajando por diferentes lugares da Ásia e da Europa que tem como elemento base de comparação o próprio país.

“*Fūdo*” por tem um tom quase pessoal, provindo das observações subjetivas e, as vezes, generalizações pouco cuidadosas causou, segundo Mochizuki (2006), um desapontamento em alguns de seus leitores. Contudo, segundo ele, atentar a essas questões desviaria a leitura da verdadeira importância do trabalho do filósofo. O cerne da obra se encontra em seu primeiro capítulo, em que ele realiza uma cuidadosa elaboração teórica sobre o *fūdo*, como uma condição

9 “The purpose of this book is to clarify *fūdosei* as the structural moment of human existence (*ningen sonzai no kōzō keiki*). So the question here is not about how the natural environment (*shizen kankyō*) determines human life. What is generally understood as natural environment is something which has been disengaged, as an object, from the *fūdosei* of the human considered as its concrete basis. When one considers the relation between such an object and human life, human life itself is already objectified. Accordingly, this standpoint consists in examining the relation between an object and an object, it does not concern human existence in its subjecthood”.

ontológica da existência humana. Em sua discussão ele traz o clima como um fator de diversidade geográfica (espacial) que se desdobra em diversos modos de sensibilidade às circunstâncias naturais que tem efeito sobre a existência dos humanos (NAGAMI, 1981).

Muitos das ponderações realizadas na concepção de *fūdo* se devem ao diálogo de Watsuji com o pensamento heideggeriano, no sentido de uma crítica a alguns aspectos desse pensamento. O filósofo propõe em sua concepção que o modo ontológico-existencial da existência humana, não só envolve a dimensão temporal (preponderante nas análises heideggerianas), mas também, a dimensão espacial (socioespacial). Dessa forma, o filósofo propõe pensar uma estrutura espaço-temporal da existência humana, buscando suprir aquilo que considerava uma falha no pensamento de Heidegger. Liederbach (2012) coloca que as principais críticas à Heidegger se referem a sua concepção de *Dasein* e as elenca: (1) a analítica do *Dasein* enfatiza a noção de temporalidade em detrimento da de espacialidade; (2) o *Dasein* não possibilita a discussão sobre o caráter social do humano e (3) o *Dasein* seria uma abstração.

Segundo Mayeda (2006), em "*Fūdo*" há um esforço em elucidar a variedade de modos de existência sob a perspectiva de que a cultura é uma atividade humano-climática, por isso fazia todo sentido explorar o fenômeno climático para o entendimento da dimensão espacial da existência humana. Watsuji teve a intuição de que o papel da espacialidade na constituição da existência humana não ficava em segundo plano, pelo contrário ela seria tão importante quanto a temporalidade. (BERQUE, 2004).

Numa visão fenomenológica o clima é uma forma de elucidar a presença da dimensão espacial do homem ao colocá-lo como uma experiência vivida, como no exemplo: "Sentido o frio, já estamos fora

de nós mesmos, em uma relação com a frieza do ar<sup>10</sup>" (MAYEDA, 2006, p. 40). O clima existe enquanto uma relação mutua homem-espaço na qual nos encontramos inescapavelmente imersos. E porque o homem já está imerso, ele precisa lidar criativamente com essa circunstância climática (espacial) de forma que culturalmente os lugares se diferem. A vinculação orgânica existente entre o fenômeno do clima e o homem dissipa a possibilidade de abstração da existência humana.

Em grande medida Watsuji realizou uma obra com um forte cunho geográfico. O filósofo não explicita esse caráter, pois não era sua intenção escrever uma obra na geografia, mas a noção de *fūdo* permite engendrar uma discussão sobre a inalienável e incontornável concretude do mundo com a qual os homens têm de se relacionar. Nessa perspectiva o clima envolve uma experiência individual (que afeta diretamente o corpo do indivíduo) e uma experiência coletiva (que dá subsídio à noção de cultura) expressa pela arquitetura, arte, religião. O fenômeno do clima é uma experiência que envolve a corporeidade individual, mas se estende para além: ela é, sempre, compartilhada.

A potencialidade dessa obra para a geografia foi descoberta pelo geógrafo francês Augustin Berque. O geógrafo se utiliza das concepções e reflexões filosóficas de Watsuji na construção de suas reflexões sobre a relação entre homem-ambiente. As noções de *fūdo* e *aidagara* pauta suas discussões teórico-metodológicas pelo seu interesse de propor novos entendimentos sobre ética ambiental, em termos de uma discussão da superação do dualismo entre homem-natureza (que surge com a modernidade no pensamento ocidental). Esta que é uma problemática central para Berque na discussão epistemológica da geografia.

<sup>10</sup> "In feeling coldness, we are already outside ourselves in a relationship to coldness of the air".



Buscamos a seguir entender o papel do pensamento de Watsuji Tetsurō para a proposta de Augustin Berque de discutir a geografia sob uma perspectiva ontológica.

## REVERBERAÇÕES DA FILOSOFIA ORIENTAL NA GEOGRAFIA DE AUGUSTIN BERQUE

Augustin Berque teve seu primeiro contato com o Oriente por meio de seu pai Jacques Berque um sociólogo francês estudioso da cultura islâmica, sobretudo, sobre o Magreb (região noroeste da África, composta pelo Marrocos, Argélia, Saara Ocidental e Tunísia). Viveu em alguns países como Marrocos e Egito, de modo que teve contato com outras perspectivas além da Ocidental sobre o mundo. Quando jovem, em seus 18 anos, Berque estende suas referências no Oriente e toma contato com a cultura do extremo oriente, especificamente China e Japão. Durante sua formação na Universidade de Paris, na *École de langues orientales*, aprendeu o chinês e o japonês, conhecimento que frutificou sua estadia no Japão (HOLZER, 2004; BERQUE, 2010). No período em que permaneceu no país, desenvolveu sua tese cujo cerne é “Você não pode entender a realidade de um ambiente a menos que possa descobrir como os sujeitos em questão (ou seja, os habitantes daquele ambiente) o perceber e concebem<sup>11</sup>” (BERQUE, 2010, p. 122).

As relações com o Japão desde então nunca cessaram e Berque se tornou Diretor do *Centre de Recherches sur Le Japon* na *École des Hautes Études en Sciences Sociales* e atuou em cargos no Japão, sendo Professor na Universidade de Miyagi e no *Centre de Recherches Internationales sur La culture japonaise*. Em todos esses âmbitos Berque seguiu sua carreira acadêmica desenvolvendo investigações

<sup>11</sup> “You cannot understand the reality of a milieu unless you can figure how the subjects concerned (i.e. the inhabitants of that milieu) perceive and conceive it”.

na interface entre Geografia e Orientalismo. Desenvolveu uma ampla coletânea de escritos sobre o Japão, sob diferentes pontos de vista, mas se distinguiu pelas suas obras na Geografia Cultural.

Berque engendrou um projeto intelectual, ao longo desses vários anos, capaz de rebater o pensamento moderno, presente em sua disciplina de formação a Geografia, e, para além, na ciência Ocidental como um todo. Sua grande questão está nos aportes teóricos e sua concepção da relação das sociedades humanas com seus ambientes, isto é, ele busca uma forma de abordar tal relação que seja coerente com sua complexidade. Esse empreendimento envolve não apenas a Geografia, mas outras humanidades e a filosofia (MARIA, 2010).

Para Berque a falta de uma aproximação mais sistemática entre a Geografia e a Filosofia cria uma problemática epistemológica. Quando o conhecimento produzido se dá sem reflexões no âmbito filosófico, isto é, do pensar da própria produção do conhecimento, dos modos de fazer científico e da existência de diferentes saberes é nefasto, na medida em que a cientificidade acaba por se tornar a única medida para legitimar o pensamento. Para Berque isso se observa na Geografia. O cientificismo mantém os geógrafos radicalmente fechados a explorar uma perspectiva ontológica da ciência e as proposições de um pensamento geográfico nesses termos é considerado demasiado ousado (MARIA, 2010).

Nas próprias palavras do geógrafo:

“Não se trata, podemos ver, de uma projeção da subjetividade sobre o ambiente físico. Num sentido único, aquela visão é prisioneira do dualismo moderno. Fechada as coisas, que tomou em seus objetivos, ela não explicará jamais como o mundo pode nos emocionar e nem mesmo como pode, simplesmente, fazer sentido. Tudo o que ela pode conduzir em matéria geográfica é, ou a um grosseiro determinismo ambiental, ou a um construtivismo

que separa a cultura da natureza, e por isso escraviza o mundo de sentido (BERQUE, 2012, p. 10)

Berque considera que uma ciência que se faz sem considerar a ontologia ou as questões em torno do ser abre espaço para um pensamento dicotômico permitindo que a ideia de domínio humano sobre o natural seja utilizado como a medida das discussões, principalmente, no que concerne aos problemas ambientais. E isso pouco a pouco destituiu o sentido de meio, que dicotomizado é entendido ou do ponto de vista factual ou do sensível. Maria (2010) afirma que como uma alternativa para esse posicionamento do pensamento moderno, o geógrafo propõe compreender a realidade suspendendo o paradigma do dualismo cartesiano pensando-a em termos de *médiance* isto é, conceber a realidade como sendo ao mesmo tempo física (objetiva) e fenomenal (subjativa).

Essa postura o levou ao encontro da discussão desenvolvida por Watsuji em "Fūdo".

Berque teve contato com a obra em 1969, uma versão traduzida para o inglês que lhe causou uma má impressão devido aos problemas de tradução (a concepção central da obra, o *fūdo*, foi traduzida como clima e *fūdosei* como a função do clima). A falta de compreensão da discussão fulcral da obra do filósofo vinculou a obra erroneamente a tese sobre o determinismo geográfico. Contudo, em 1979, Berque teve contato com a obra original o que lhe deu uma outra visão sobre o pensamento de Watsuji. Recentemente, em 2011, o geógrafo realizou a tradução para o francês, nomeando-o de "Fūdo: *Le milieu humain*".

Diferente de sua primeira impressão, ele reconheceu as concepções do *fūdo* e *fūdosei* como sendo indispensáveis para as futuras discussões que desenvolveria sobre o *milieu* japonês (BERQUE, 2004) e posteriormente, nos anos 1980, em trabalhos sobre a singularidade

da cultura japonesa e seus contrastes com o ocidente. E ainda nos anos 1990, sobre questões mais gerais como: paisagem e ética ambiental superando a perspectiva puramente ocidental dando a elas outro horizonte de discussão (BERQUE, 2010).

Em sua segunda leitura, o termo *fūdo* proposto e discutido por Watsuji foi sendo incorporado ao pensamento de Berque, bem como o seu desdobramento, isto é, a concepção de *fūdosei*. Em virtude da potencialidade que a obra assumiu no pensamento de Berque, o geógrafo se debruçou sobre o texto e buscou uma tradução alternativa, pertinente ao sentido essencial das concepções do filósofo.

Para *fūdo* Berque utilizou o termo *milieu* (oriundo da concepção de modo de vida lablachiano). E para *fūdosei* o termo *médiance*. Esse último essencialmente se refere à dualidade do homem entre um corpo animal e medial, como ele coloca: "Eu traduzi este conceito [*fūdosei*] como

'mediância', uma palavra derivada do latim *medietas*, ou "metade". A partir deste ponto de vista, o humano é feito de duas metades, uma é seu corpo animal (indivíduo), a outra é seu corpo ambiental (coletivo)<sup>12</sup>" (BERQUE, 2006, p. 141).

Essa tradução resguarda a ideia basal do *fūdo* e *fūdosei* que é o *aidagara*. A *médiance* faz referência a concepção de Watsuji de que o *fūdo* ocorre como um momento em que as metades, isto é, o indivíduo (corpo animal) e as relações estabelecidas entre os homens e dos homens com a natureza (corpo social) se coadunam para estruturar a existência humana (fazendo menção à essência relacional do homem). Segundo o geógrafo *médiance* "designa esta relação dinâmica entre nossas duas "metades" ontológicas<sup>13</sup>" (BERQUE, 2009, p. 35).

<sup>12</sup> "I have translated this concept [*fūdosei*] as 'médiance', a word derived from the Latin *medietas*, or 'half'. From this point of view, the human is made of two halves, one its animal body (individual), the other its environmental body (collective)".

<sup>13</sup> Designa esta relación dinámica entre as nosas dúas 'metades' ontolóxicas.

Pensar o *fūdo* em termos de corpo animal e corpo social contempla a proposta do antropólogo Leroi-Gourhan. Ele discute a cultura (sistema de símbolos e técnicas) como uma externalização, isto é, o indivíduo (corpo animal) se externaliza na cultura (corpo social). Para o antropólogo, o humano reside na coadunação de ambos esses corpos (BERQUE, 2003). Berque, contudo, reflete sobre a ideia de corpo social e defende a necessidade de incorporar o ambiente a ela, isto é, ele defende que seja melhor pensar em termos de um corpo ambiental ou medial (*milieu*), para trazer a ideia de *médiance* que “seria outra expressão para o ambiente, como complemento necessário para o corpo animal, no caso dos humanos<sup>14</sup>” (BERQUE, 2006, p. 140).

Segundo Holzer (2004) a *médiance* foi pensada no sentido de superar a imprecisão que o termo meio transmitia, isto é, apenas como um termo objetivo que fazia referência a um suporte físico e ecológico. Berque buscou por esse princípio da *médiance* um modo de tratar simultaneamente tanto os aspectos físicos-objetivos quanto os fenomenais-sensíveis ou subjetivos em um sentido unitário.

Quando Berque coloca a proposição da *médiance* na perspectiva do corpo, ele trata o caráter unitário desse princípio de maneira que o corpo social, ou aquele que está em relação-com pertence ao meio, esta metade do ser humano está imersa em sua essencial e específica metade (o meio), da qual é indissociável. Então para o geógrafo “tal é a pulsação existencial que, do fundo do corpo ao fim do mundo, do fim do mundo ao fundo do corpo, anima a mediância [...] cada um de nós traz em si o mundo, e é por isso que o mundo nos interessa: no seio de nós mesmos, ele repercute na nossa cabeça e nas nossas vísceras” (BERQUE, 2012, p. 10).

<sup>14</sup> “would be another expression for the environment, as necessary complement to the animal body in the case of humans”.

Para Berque é muito presente, quando fala da *médiance*, o irrealismo que foi assumido e defendido pelo cartesianismo de que as coisas se limitam a própria extensão do seu corpo físico (*extensio*). Todo corpo possui remetimentos (termo trazido por Berque de Heidegger) que o envolvem em um meio. Todo corpo material possui referenciais imateriais, remetimentos incomensuráveis e irreduzíveis que fazem parte desse corpo, que fazem dele esse corpo. Tudo, necessariamente, remete a um contexto e uma circunstância. Aí está, mais detidamente, a ideia das metades e seu sentido complementar e unitário.

A *médiance* traz consigo uma dinâmica que é tratada por Berque em termos de *trajection*, isto é, uma conciliação dinâmica e perpetua entre os elementos da unidade a que se refere à *médiance*. A conciliação entre o material e o imaterial, o subjetivo e objetivo e o corpo animal e o social ocorre nesse trajeto em que o imaterial e material se remete ao corpo e, ao mesmo tempo, o corpo se projeta nesse material e imaterial (BERQUE, 2012). Todo corpo, assim, se desdobra ou tem acoplado objetos e sentidos que estão para além de sua extensão. A falta de atenção a essa dinâmica subsidia a concepção errônea de dualidade e independência entre homem e natureza.

A associação entre *médiance* e *trajection* levam Berque a conceber uma razão trajetiva de constituição da realidade, em suas palavras: “Do ponto de vista da mediância, a realidade se constrói a partir da história, por tração do sensível e do fatural no sentido de um certo ambiente<sup>15</sup>” (BERQUE, 2000, p. 54). Sua intenção com a formulação do neologismo *trajection* é de reforçar aquilo que propõe como *médiance*, no sentido de conceber a construção medial da realidade, isto é, fugir da ideia de que a realidade é um produto social. Para Berque a realidade é medial.

<sup>15</sup> “Du point de vue de la médiance, la réalité se construit de l’histoire, par trajection du sensible et du factuel dans le sens d’un certain milieu”.

Outro termo derivado do conceito de *fūdo* que foi traduzido e explorado por Berque é o de *fūdogaku* (o estudo do *fūdo*). O geógrafo coloca que para a tradução do termo ele revisitou a noção de *mésologie* cunhada em 1869 por um médico, estatístico e demógrafo francês Louis-Adolphe Bertillon. Berque nas suas pesquisas sobre as raízes da palavra *milieu* encontrou na enciclopédia *Le Grand Larousse du XIXe siècle* uma referência a proposta de Bertillon da *mésologie*, uma disciplina, até então esquecida, sobre o *milieu* humano. Berque logo a associou à concepção de *fūdogaku* ou ciência do *fūdo* que significa o estudo do meio/ambiente humano (BERQUE, 2004).

A ideia de *mésologie* corresponde ao estudo de uma espacialidade que reúne não só o ecossistema (natureza), mas, sobretudo, a cultura em seus sistemas simbólicos e técnicos. O emprego desse termo para tradução de *fūdogaku* se relaciona a discussão de Berque sobre a diversidade de possibilidade de entender o mundo e o esforço por entender a construção de uma cosmologia humana. Para ele existem diferentes concepções de mundo pela diversidade de relações estabelecidas com a natureza (BERQUE, 2009).

Segundo Shinagawa (2005), a concepção de *mésologie* possibilita realizar um dos propósitos de Berque que era trazer novamente a concretude da natureza, não mais como representação ou como constructo cultural, mas como meio, sem que isso o simplificasse como um suporte físico ecológico. Essa concepção “aprofunda sua consideração acerca das bases naturais do seres humanos e aguça o conhecimento de que o ambiente é essencial para a estrutura as suas estruturas existenciais em geral”<sup>16</sup> (SHINAGAWA, 2005, p. 2)

Todos esses termos que tem como origem o *fūdo*, transmitem uma ideia fundamental para o próprio entendimento do homem (que foi

<sup>16</sup> “deepen its consideration about natural basis of human beings and sharpen the knowledge that milieu is essential to the existential structure of them in general”.

proposto por Watsuji na etimologia do termo *ningen*), isto é, o indivíduo não só não pode ser pensado isoladamente, mas também não pode ser pensado em contraste com seu entorno, ou com as coisas que o cerca. O *fūdo* radicaliza a ideia de “entre” (*aida*) como modo de existência humana, o “entre” “constitui o fundo sobre o qual (ou base na qual) a individualidade do *hito* é estabelecida”<sup>17</sup> (BERQUE, 2006, p. 139).

Segundo Berque (2006), para o entendimento da noção de *médiance* é preciso atentar para a separação que o próprio Watsuji propôs entre *fūdo*, cuja natureza reside na relacionalidade (*aidagara*) do homem e *kankyō*, que se caracterizaria pela objetificação daquilo que cerca o homem. O filósofo faz essa separação para enfatizar o caráter de *fūdosei*, contraposta à concepção moderna do homem limitada apenas a sua “metade” individual (desligada das coisas que o circunda).

A preocupação de Berque em entender, traduzir e discutir *fūdo*, *fūdosei* e *fūdogaku* é de propor outra ética ambiental que resgate a interdependência entre o homem e a natureza em lugar da existente que concebe o homem abstratamente, isto é, desligado daquilo que o cerca. Para o geógrafo essa visão é insustentável, pois coloca a natureza de forma objetiva e não como uma imanência da existência humana. E nesse sentido, ele reconhece no pensamento de Watsuji uma contribuição significativa para o pensamento geográfico em termos de uma proposta ontológica. Segundo o geógrafo, Watsuji “introduziu uma ontologia heideggeriana nas questões geográficas deste livro *Fūdo (Ambiente)*”<sup>18</sup> (BERQUE, 2004, p. 389) e ele enfatiza essa ideia com a primeira frase introdutória da obra “O propósito deste livro é esclarecer a mediância (*fūdosei*) como o momento estrutural da

<sup>17</sup> “constitutes the common background against which (or basis on which) the *hito*’s individuality is established”.

<sup>18</sup> “introduced a Heideggerian ontology in geographical questions with his book *Fūdo (Milieu)*”.

existência humana (*ningen sonzai no kōzō keiki*)<sup>19</sup> (BERQUE, 2004, p. 389).

Para Berque a distinção que Watsuji faz entre *fūdo* e *kankyō* é bastante significativa do ponto de vista geográfico, pois coloca em evidência a fundação ontológica do *milieu*. Segundo o geógrafo, quando Watsuji traz a concepção do *fūdo* como uma espacialidade originada pelas relações existenciais estabelecidas entre o ser e as coisas ele rompe a concepção do senso moderno de que aquilo que nos cerca são meramente objetos. Nessa perspectiva, não existem objetos simplesmente (na dualidade entre sujeito e objeto) e sim as coisas apropriadas e significadas. Essa distinção é subsidiada pela concepção de existência proposta pelo filósofo japonês, o *sonzai* mencionado na obra "*Fūdo*". Nela o termo aparece como projeção em referência a concepção heideggeriana de *ex-sistentia* ou "estar fora de si mesmo". A existência seria nessa perspectiva um movimento de ir ao encontro das coisas, o que significa primeiro que a existência humana é relacional e segundo que o *fūdo* (*milieu*) é fundado nesse movimento, que foi denominado por Watsuji de *fūdosei* (BERQUE, 1999).

Em suma, para Berque o pensamento de Watsuji contribui para pensar a estruturação da existência humana a partir de uma relação entre o humano e o ambiente (coisas que o circundam), dando um caráter ontológico à constituição do meio humano, que podemos aproximar à concepção de mundo. Isto é, é o movimento de ir ao encontro ou de estar fora de si que dispõe a espacialidade em termos culturais, nas palavras de Berque, "estamos estruturalmente ligados ao nosso ambiente; e esta ligação é o que Watsuji denomina *fūdosei*: o momento estrutural da existência humana"<sup>20</sup> (BERQUE, 1999, p. 240).

<sup>19</sup>"The purpose of this book is to clarify *médiance* (*fūdosei*) as the structural moment of human existence (*ningen sonzai no kōzō keiki*)".

<sup>20</sup>"we are structurally coupled with our milieu; and this coupling is what Watsuji calls *fūdosei*: the structural moment of human existence".

Berque (1999) assinala que Watsuji não escreveu "*Fūdo*" com a geografia em mente (ele aborda questões que se aproximam do pensamento geográfico, mas escreve essencialmente como um filósofo), mas é uma tarefa para os geógrafos explorar suas reflexões, especialmente, o seu caráter ontológico buscando entender as relações entre homem e natureza por outra perspectiva. Segundo o geógrafo "o enquadramento teórico do *Fūdo* propõe precisamente a base ontológica que falta em nossa disciplina"<sup>21</sup> (BERQUE, 1999, p. 242). O esforço de Berque no entendimento do pensamento do filósofo japonês se traduz como essa tentativa de fazer a aproximação entre o arcabouço teórico de Watsuji e a geografia, isto é, colocar o pensamento do filósofo em termos geográficos.

Nesse sentido, Berque através de suas traduções: *fūdo-milieu*, *fūdosei-médiance* e *fūdogaku-mésologie* permitiu que ele desenvolvesse o pensamento de Watsuji no escopo da geografia, isto é, ele buscou correspondências no pensamento geográfico francês para as problemáticas e proposições filosóficas de "*Fūdo*" e nesse processo abarcou a premissa ontológica do filósofo japonês relativa à natureza do homem e seu posicionamento diante das coisas que o circundam. Para o geógrafo essa aproximação com Watsuji se figura na possibilidade de superar o pensamento moderno, caracterizado pelo dualismo, na medida em que exploramos o momento estrutural da existência humana (*fūdosei*). Berque vai mais longe, propõe pensarmos a geografia como o *fūdogaku*, isto é, a *mésologie*.

#### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Certamente sou um geógrafo, mas também um orientalista, ou seja, contrário ao pós-colonialismo ou Saidian doxa, não alguém

<sup>21</sup>"the theoretical frame of *Fūdo* precisely proposes the ontological basis which our discipline is lacking".

A influência oriental no pensamento de Augustin Berque: a filosofia de Watsuji Tetsurō  
Priscila Marchiori Dal Gallo

que engessa as visões ocidentais ou realidades não-ocidentais, mas uma pessoa que tenta ir mais para Leste que para Oeste no intuito de alcançar mais luz (*mehr Licht*) que a luz solitária do Oeste<sup>22</sup> (BERQUE, 2010, p. 120)

Encerramos nosso texto trazendo essa citação de Berque, que ao mesmo tempo, deixa claro a proposta de seu projeto intelectual como geógrafo, isto é, expandir seu escopo teórico, filosófico e mesmo experiencial e nesse movimento ampliar e reelaborar a discussão geográfica sobre a relação homem-ambiente, buscando sempre uma conjugação de referenciais de forma crítica, fugindo do eurocentrismo.

Como resultado, temos um enriquecimento da discussão geográfica com uma diversificação das bases ou matrizes de pensamento para o fazer e o pensar geográfico. Se Berque é apontado como um dos ícones da Geografia Cultural deve-se em grande parte a sua busca de novos e possíveis diálogos e reposicionamentos teórico-metodológicos.

Os movimentos de reflexão e reposicionamento diante do pensamento moderno ocidental se iniciaram há muito tempo na Europa, buscando desconstruir alguns dogmatismos em termos não só da própria produção do conhecimento. Como aponta Husserl (2012) se instalou uma crise do modo de fazer das ciências europeias/ocidentais pelo seu afastamento por completo do mundo da vida. Contudo, alguns pareamentos como homem-natureza continuam a serem difíceis de ser transgredidos ou dissolvidos.

O encaminhamento da construção do pensamento de Berque ao buscar incorporar o pensamento oriental em suas discussões mostra que outras proposições filosóficas e alternativas ao próprio modo de

<sup>22</sup>"I certainly am a geographer, but also an orientalist; that is, contrary to the postcolonial or Saidian doxa, not a person who plasters western views or non-Western realities, but a person who tries to go further East than the West in order to get more light (*mehr Licht*) than the sole light of the West".

perceber e conceber a realidade permitem avançar essa encruzilhada que a sociedade ocidental se colocou.

Talvez essa seja uma das maiores promessas e potencialidades do trabalho de Berque, como orientalista, realizar ou colocar em movimento uma reformulação do estatuto epistemológico da geografia a partir de novas orientações filosóficas e epistemológicas que se realiza pela disposição ao diálogo e ampliação de horizontes.

Em última instância a discussão de Berque busca caminhar em direção a uma visão holística proporcionada por entendimentos integrados entre geografia e filosofia. Tais entendimentos redundam em uma aproximação ou uma explicitação de questões de cunho ontológico que perpassam a argumentação sobre a concepção medial de construção da realidade.

Trazendo reflexões de Watsuji não só colaborou para o aprofundamento desse caráter alternativo e propositivo da discussão, mas também, ou na verdade por isso, deu um novo fôlego ou revigoramento para velhas questões sobre o ambiente, a natureza, o homem e as ciências, por propiciar novas bases ou novas raízes a partir das quais o pensamento geográfico possa florescer. Compartilhando a perspectiva ontológica de Watsuji, Berque abre uma nova proposição para o fazer geográfico, entendendo-o como uma busca pela compreensão do momento estrutural da existência humana. ©

#### REFERÊNCIAS

BELLAH, Robert N. Japan's Cultural Identity: Some Reflections on the Work of Watsuji Tetsurō. *The Journal of Asian Studies*, v. 24, n. 4, p. 573-594, 1965.

BERQUE, Augustin. Paisagem-marca, paisagem-matriz: elementos da problemática para uma Geografia Cultural. In: CORRÊA, Roberto

A influência oriental no pensamento de Augustin Berque: a filosofia de Watsuji Tetsurō  
Priscila Marchiori Dal Gallo

L.; ROSENDAHL, Zeny (orgs.). **Paisagem, tempo e cultura**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998. p. 84-91.

\_\_\_\_\_. Watsuji Tetsuro's definition of *mèdiance* as "the structural moment of human existence" and its meaning for geography today. **Quarterly journal of geography**, v. 52, n. 3, p. 239-244, 1999.

\_\_\_\_\_. **Mèdiance**: de milieux en paysages. Paris: Belin/Reclus, 2000.

\_\_\_\_\_. Indigenous Beyond Exoticism. **Diogenes**, v. 50, n. 4, p. 39-48, 2003.

\_\_\_\_\_. Offspring of Watsuji's theory of milieu (Fūdo). **GeoJournal**, v. 60, p. 389-396, 2004.

\_\_\_\_\_. From Watsuji's concept of 'human' to beyond the limits of modern ontological topos. In: WAUCHOPE, Samatha (Ed.) **Cultural Diversity and Transversal Values**: East-West Dialogue on Spiritual and Secular Dynamics. Paris: UNESCO, 2006. p. 138-144.

\_\_\_\_\_. A paisaxe como institución da realidade. In: VIQUEIRA, Francisco Díaz-Fierros; SILVESTRE, Federico L. (Cord.) **Olladas críticas sobre a paisaxe**. Santiago de Compostela: Consello da Cultura Galega, 2009. p. 19-42.

\_\_\_\_\_. Fieldwork and hermeneutics in the case of Japan. **Cultural Geographies**, v. 18, n. 1, p. 119-124, 2010.

\_\_\_\_\_. Geograma, por uma ontologia dos fatos geográficos. **Geograficidade**, Niterói, v. 2, n. 1, p. 4-12, 2012.

CORREA, Roberto L.; ROSENDAHL, Zeny (orgs.). **Paisagem, tempo e cultura**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998.

DILLWORTH, David. Watsuji Tetsurō (1889-1960): Cultural Phenomenologist and Ethician. **Philosophy East and West**, v. 24, n. 1, p. 3-22, 1974.

HOLZER, Werther. Augustin Berque: um trajeto pela paisagem. **Espaço&Cultura**, Rio de Janeiro, n. 17, p. 55-63, 2004.

HUSSERL, Edmund. **A crise das ciências europeias e a fenomenologia transcendental**: uma introdução à filosofia fenomenológica. Rio de Janeiro: Forence Universitária, 2012.

LIDERBACH, Hans Peter. Watsuji Tetsurō on Spatiality: Existence Within the Context of Climate and History. **Kwansei Gakuin Sociology Department studies**, n. 114, p. 123-138, 2012.

MARIA, Yanci Ladeira. **PAISAGEM: entre o sensível e o factual – uma abordagem a partir da Geografia Cultural**. 2010. 133f. Dissertação (Mestrado em Geografia Humana) — Faculdade de Filosofia, Letras e Ciência Humana, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

MAYEDA, Graham. **Time, Space and Ethics in the thought of Martin Heidegger, Watsuji Tetsuro, and Kuki Shuzo**. New York: Routledge, 2006.

MOCHIZUKI, Taro. Climate and Ethics Ethical Implications of Watsuji Tetsuro's Concepts: "Climate" and "Climaticity". **Philosophia Osaka**, Osaka, n. 1, p. 43-55, 2006.

NAGAMI, Isamu. The Ontological Foundation in Tetsurō Watsuji's Philosophy: Kū and Human Existence. **Philosophy East and West**, v. 31, n. 3, p. 279-296, 1981.

PAZERA JR., Eduardo. A contribuição francesa e anglo-saxã na formação do pensamento geográfico brasileiro. **Boletim de Geografia**, Maringá, n. 1, p. 33-36, 1988.

SHIELDS, James M. The Art of Aidagara: Ethics, Aesthetics, and the Quest for an Ontology of Social Existence in Watsuji Tetsuro's Rinrigaku. **Asian Philosophy**, v. 19, n. 3, p. 265-283, 2009.

SHINAGAWA, Tetsuhiko. A Dialogue with Professor Berque – from the standpoint of ethics (including environment ethics). **Report of international Symposium**: 'modernity in milieus and technique', Kansai University, Osaka, p. 285-297, 2005.

SILVA, José Borzacchiolo da. **França e escola brasileira de geografia: verso e reverso**. Fortaleza: Edições UFC, 2012.

A influência oriental no pensamento de Augustin Berque: a filosofia de Watsuji Tetsurō  
Priscila Marchiori Dal Gallo

WATSUJI, Tetsurō. **Fūdo**: Le milieu humain (Trad. Augustin Berque)  
Paris, Éditions du CNRS, 2011.

\_\_\_\_\_. **Watsuji Tetsuro Rinrigaku**: ethics in Japan. New York:  
University of New York Press, 1996.

Submetido em Maio de 2014.

Revisado em Junho de 2014.

Aceito em Julho de 2014.